SEXTA, 26 DE ABRIL

VERDADE RADICAL DEMAIS

*“Mas Jesus permaneceu em silêncio e nada respondeu. Outra vez o sumo sacerdote lhe perguntou: ‘Você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito?’ ‘Sou’, disse Jesus. ‘E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso vindo com as nuvens do céu’.” (Marcos 14.61-62)*

Este não é um texto politicamente correto. Ele põe a fé cristã em uma perspectiva que questiona os sistemas religiosos (inclusive das religiões evangélicas) e nos coloca diante de um grande dilema: a singularidade de Jesus. O líder supremo do judaísmo faz uma pergunta que para ele e as pessoas reunidas no interrogatório de Jesus era muito clara: “você é o Messias prometido nos Escritos Sagrados, o enviado de Deus e Filho de Deus?” Jesus a responde sem deixar espaço para dúvidas: “Sou”. E vai além: “chegará o momento em que a história humana se encerrará com minha manifestação universal, visível a todos, em que a incredulidade e a dúvida sobre mim não mais permanecerão”.

Um cristão é alguém que crê no que Jesus declarou, tanto sobre Si mesmo quanto sobre a história. A fé cristã tem essa dimensão radical! Aos olhos dos líderes religiosos judeus Jesus não correspondia ao que esperavam para um messias, porque estavam orientados por sua religiosidade e não pelas profecias. Do mesmo modo a radicalidade e centralidade de Jesus não caem bem para a mente moderna, antipática a uma resposta única e que exige convergência de todos. A mente moderna quer organizar a vida sob o fundamento do ego, em que opções são sagradas e a verdade é casual. Nela um Deus que estabelece parâmetros não é bem vindo, pois não há lugar para absolutos numa mentalidade relativizada.

Mesmo fora da moda, o cristianismo “absolutiza” Jesus e desafia-nos a crer nele, como sendo quem Ele mesmo afirmou ser. Fora dessa radicalidade, Jesus nos será um sábio, um iluminado, um grande líder, mas não o nosso Senhor, Salvador e Mestre. Dialogaremos com Sua memória, mas não seremos discípulos. Poderemos melhorar nossos hábitos, mas não conheceremos o poder de Sua presença e nem o perdão para nosso pecados. Viveremos para nós mesmos, sem experimentar o mistério da vida plena e livre que se estabelece para quem, pela fé, não vive para si mesmo, mas para Cristo. Tudo muito estranho, mas é assim a fé cristã. Uma dimensão de vida que só faz sentido pelo lado de dentro, da posição de quem crê. E então? Radical demais?

*- ucs -*

SÁBADO, 27 DE ABRIL

CRER É O PONTO

*“Então alguns começaram a cuspir nele; vendaram-lhe os olhos e, dando-lhe murros, diziam: ‘Profetize!’ E os guardas o levaram, dando-lhe tapas. Estando Pedro em baixo, no pátio, uma das criadas do sumo sacerdote passou por ali. Vendo Pedro a aquecer-se, olhou bem para ele e disse: ‘Você também estava com Jesus, o Nazareno’. Contudo ele o negou, dizendo: ‘Não o conheço, nem sei do que você está falando’. E saiu para o alpendre. (Marcos 14.65-68)*

O caminho percorrido por Cristo nos é incompreensível, assim como tantas partes da história da salvação. Agressões, traição, abandono. Eram mesmo inevitáveis? Não havia uma outra forma? “Profetize” – diziam os soldados! Em outras palavras, “adivinhe quem bateu desta vez, já que é Deus, e aí vamos respeita-lo e até crer!” Por que Jesus não manifestou Seu poder em lugar de submeter-se? Não seria tudo diferente se Jesus apenas dissesse: “Petrônio, foi você!”? Mas Jesus escolheu outro caminho. E quanto a Pedro, que nega conhecer Jesus? O que faltou para que não negasse? Ele foi avisado!

A fé cristã nos ensina muito sobre o modo de Deus agir. A fé não é cega, embora envolva passos no escuro. Crer não é algo que nos aliena, que exclui a reflexão e a investigação. Mas é inegável que os caminhos de Deus são incompreensíveis para nós. Tudo fica ainda mais complexo quando nutrimos a expectativa de que Deus se comporte conforme nós nos comportaríamos, se fossemos Ele! Crer é confiar e submeter-se. Como os soldados que agrediam a Cristo, tendemos a justificar nossa falta de fé pela falta de provas. Bastaria Ele nos dar aquela prova e tudo se resolveria. Mas o passo que precisamos (e podemos) dar, é a fé. A prova que pedimos é exatamente nossa recusa em crer. Se a recebêssemos, não poderíamos mais dá-lo.

Como Pedro, desconhecemos nossa própria fraqueza e confiamos em nossas perspectivas. Gostamos de nos sentir senhores das situações e habilmente colorimos nossas escolhas e atitudes para que sempre nos pareçam apropriadas e justificadas. Achamos que ser cristão nos enfraqueceria, quando apenas nos conscientiza e, por causa de Deus, nos fortalece, pois precisamos de Deus. Mas pode ser difícil demais para alguns pois crer é admitir que Deus está certo e então “dançar conforme a música dele”. O caminho trilhado por Jesus, que nossa mente rejeita, é o caminho da nossa salvação. Ele o trilhou por amor a nós. É estranho, é chocante, mas era inevitável, do contrário Ele o teria evitado. Se esperamos entender para crer, jamais entenderemos. Pois crer é o ponto!

*- ucs -*

DOMINGO, 28 DE ABRIL

QUANDO O GALO CANTAR

*“Quando a criada o viu lá, disse novamente aos que estavam por perto: ‘Esse aí é um deles’. De novo ele negou. Pouco tempo depois, os que estavam sentados ali perto disseram a Pedro: ‘Certamente você é um deles. Você é galileu!’ Ele começou a se amaldiçoar e a jurar: ‘Não conheço o homem de quem vocês estão falando!’ E logo o galo cantou pela segunda vez. Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe tinha dito: ‘Antes que duas vezes cante o galo, você me negará três vezes’. E se pôs a chorar.” (Marcos 14.69-72)*

Com qual dos apóstolos você mais se identifica? Com qual deles você se parece mais? A leitura das Escrituras nos coloca diante de pessoas cuja vida e experiências tem o potencial de nos revelar. Todos são iguais, todos são mortais, como canta João Alexandre. Aqui estamos nós diante da famosa negação de Pedro. Ele não sabia que poderia ir tão longe, desconhecia seu potencial para a fraqueza. Até que o galo cantou e “a ficha caiu”. Então Pedro chorou. Chorou de vergonha, arrependimento, culpa, lamento... mas já estava feito.

Olhe para você. Você é como Pedro. Eu sou como ele também. Negamos o Mestre e muitas vezes não percebemos. Precisamos ouvir o galo cantar, mas há tantos sons ao nosso redor! Não temos muito tempo para exame interior e não nos demoramos muito nos momentos dedicados a Deus. E quando paramos, a mente fervilha de lembranças do que precisamos fazer. É incrível como nos lembramos do que fazer quando o que estamos tentando fazer é estar com Deus! Precisamos escolher, nos determinar, ser disciplinados ou nossa espiritualidade sobreviverá das sobras de nossa vida, fracassando no que Ele mandou: “coloquem o Reino de Deus em primeiro lugar” (Mt 6.33).

Devemos aceitar o fato de que seguir a Cristo é uma escolha exigente que nos colocará diante de sentimentos de inadequação, arrependimento, numa luta do lado de dentro cuja vitória dependerá de nossa submissão a Cristo, o que significará dizer não a nós mesmo. Mas é justamente assim que conhecemos a verdadeira vida, cujo significado e sentido ancora-se na eternidade e é fruto do amor de Deus. Vida plena, que prevalece, que deixa para trás fraquezas, pecados, negações e por fim, toda dúvida. Talvez hoje a pauta seja o choro e o arrependimento pelo pecado. Mas sempre haverá mais vida no choro de quem volta para Deus do que no sorriso de quem fica consigo mesmo. Quando o galo cantar, chore. E volte.

*- ucs -*

SEGUNDA, 29 DE ABRIL

“MUITO LOUCO”

*"‘Então, que farei com aquele a quem vocês chamam rei dos judeus?’, perguntou-lhes Pilatos. ‘Crucifica-o’, gritaram eles.” (Marcos 15.12-13)*

História da Salvação é como os teólogos chamam o desenrolar da revelação bíblica, cujo ponto central é Jesus. Ela é intrigante e sem sentido para a mente descrente. Somos chamados à piedade, ao temor a Deus, a nos deixar tocar pelas poderosas revelações que brotam das cenas dessa história. Estamos terminando o Evangelho de Marcos e diante do “julgamento”, se assim podemos chamar, de Jesus. Analisemos a cena: líderes judeus e povo em geral de um lado; Pilatos, governante romano e sua corte do outro; Jesus no meio, sendo por eles julgado. Vamos refletir um pouco sobre os personagens dessa cena.

A multidão, Pilatos e sua corte eram pessoas como nós. Habitados por limitações, dúvidas, incertezas, sujeitos às circunstâncias e ignorantes quanto ao futuro. Jesus, diferente. O Filho de Deus, que acalmou o mar, multiplicou alimentos, ressuscitou mortos, enfrentou o Diabo, curou enfermos e predisse tudo que estava acontecendo. Que na oração do Getsêmani nos deixou saber que estava ali por submissão e não por imposição. O desenrolar dos fatos oculta muitas verdades. O inocente parece culpado, o poderoso se deixou dominar pelos fracos, o Santo pelos pecadores. Pilatos acha que pode decidir e a multidão tem certeza do que deve ser feito. Uma inversão capaz de confundir terra e céus estava em curso. Naquela cena só Jesus sabia a verdade sobre os fatos: *“Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”*(Jo 3.16)

Jesus se colona nas mãos dos homens para morrer e assim nos dar Vida. Ele toma o nosso lugar para que possa nos levar ao Seu lugar. Recebe o julgamento merecido por pecadores, para dar-lhes a absolvição que é direito apenas dos santos. Ser cristão é “ver” isto e crer. E crendo, submeter-se, quebrantar-se, maravilhar-se por tão grande e sublime salvação que Cristo realizou. Incompreensível pois retrata a própria contradição que o pecado introduziu na história, mas cujas sublimes verdades nos alcançam, como raios de luz que invadem um quarto escuro pelas frestas da porta. Esse quarto é nossa vida. Abrir a porta é um ato de fé. Se cristão é segurar a maçaneta e abrir a porta. Todos os dias.

*- ucs -*

TERÇA, 30 DE ABRIL

MUDANÇAS NECESSÁRIAS

*“‘Por quê? Que crime ele cometeu?’, perguntou Pilatos. Mas eles gritavam ainda mais: ‘Crucifica-o!’ Desejando agradar a multidão, Pilatos soltou-lhes Barrabás, mandou açoitar Jesus e o entregou para ser crucificado.” (Marcos 15.14-15)*

Estamos dando um passo mais para dentro da cena do sacrifício de Jesus por nós. Jesus, a multidão e Pilatos ainda estão em cena e é hora de decidir. Ao ouvir os gritos da multidão pedindo a crucificação de Jesus, Pilatos argumenta que não vê razão para tal. Ele parece perceber que não está diante de um criminoso a quem deveria condenar. Mas a multidão não quer saber, o objetivo não é fazer justiça, é satisfazer o desejo, a ira. Que importa a verdade?! Por outro lado, Pilatos não demonstra qualquer zelo pela própria consciência. Ele quer sair-se bem na situação, a despeito do que é certo. Sua melhor saída é soltar o criminoso e condena o inocente. E é o que ele faz.

A humanidade repete essas atitudes diariamente. O que pecadores fazem é abandonar o bom senso. O pecado é incapacitante para a retidão. Nossos desejos tem voz e voto, e determinam nossas escolhas; não há espaço para a razão. O galo cantou para Pedro, mas para a multidão, ou não cantou ou não foi ouvido. Pilatos é o par perfeito para a multidão insana. Atua fazendo jogo de cena. O que quer mesmo é ficar bem com a multidão. Vendeu-se. Corrompeu-se. Em nosso mundo interior é que tudo isso acontece. Não damos ouvidos à razão e nem à voz do Espírito quando queremos apenas fazer nossa vontade e seguir nossas inclinações.

Visto que Cristo veio nos libertar do pecado, isso implica em mudanças em nosso comportamento. Alcançados pelo perdão e pelo amor de Deus, somos chamados ao enfrentamento: da multidão, da acomodação, da injustiça e de tantas outas coisas. O perdão de Deus renova nossa ética e Seu amor fortalece nossa identidade. E então percebemos que tudo isso está mais perto e mais dentro de nós que gostaríamos de admitir. Mas em Cristo podemos ser melhorados e então aprendermos a viver pelo que conta e não, fazendo contas. Pois honrar a Deus muitas vezes será andar na contra mão, ficar com a minoria e comprometer-se com causas perdidas. *“Se alguém quiser salvar a sua vida, vai perde-la. Mas, quem se dispuser a perder a vida por amor de mim e do Evangelho, vai salvá-la”* disse Jesus (Mc 8.35).

*- ucs -*

QUARTA, 01 DE ABRIL

A CRUZ E O CRISTÃO

*“Certo homem de Cirene, chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo, passava por ali, chegando do campo. Eles o forçaram a carregar a cruz.” (Marcos 15.21)*

A cruz é um símbolo cristão. Muitos a levam consigo. Os cristão evangélicos, influenciados pelos puritanos que evitavam qualquer símbolo, em sua maioria não a usam ou usam com bastante limitação. Mas, inegavelmente a cruz é um símbolo importante e característico da fé cristã. Jesus falou sobre ela e disse que ser Seu discípulo implicaria em “colocar sobre si a cruz e segui-lo” (Lc 9.23). Simão cirineu praticou literalmente esse ato. Tomou a cruz e a levou seguindo Jesus até o lugar chamado Gólgota. Mas ser cristão envolve um outro tipo de cruz sobre os ombros e de seguimento de Cristo.

Ser discípulo de Jesus não é frequentar um templo e participar de rituais ou cultos cristãos. Nem é ter uma cruz sempre consigo ou se benzer com um sinal de cruz. Ser discípulo de Cristo implica em questões mais profundas entre nós, a cruz e Jesus. A cruz do cristão é uma escolha e não uma imposição, como no caso de Simão que foi forçado a levar uma! Ser discípulo é interromper sim a jornada que fazíamos, mudar de direção e levar a cruz, mas isso é um ato de auto negação, em que paramos de viver para nós mesmos. Jesus entregou-se voluntariamente em submissão. Seus discípulos nascem da mesma forma.

Simão levou a cruz até o monte e depois partiu sem ela. Mas ser discípulo é seguir vida a fora sob o estigma da cruz. Não é curva-se diante dela quando se vai ao templo, mas estar com ela nos ombros em todo tempo. É curvar-se diante dela quando desejamos o pecado, e assim morrer, naquele instante, para nós mesmos. A cruz foi morte para Cristo, mas para nós é vida. Morrer nela é viver. É ser transformado e aprender a existir de um jeito novo e melhor. Cada cristão precisa da cruz e deve estar sempre com ela sobre si. Mesmo que não carregue nenhuma consigo e, especialmente, se o faz.

*- ucs -*

QUINTA, 02 DE MAIO

HÁ LADRÕES E LADRÕES

*“Com ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda, e cumpriu-se a Escritura que diz: ‘Ele foi contado entre os transgressores’.” (Marcos 15.27-28)*

Certa vez perguntaram a El Greco, pintor, escultor e arquiteto grego, radicado na Espanha, a razão de haver escolhido pacientes de um manicômio como modelos para pintar a obra “Santa Ceia”, em que retrata Jesus com Seus discípulos. Ele então respondeu: que modelos melhores para representar aqueles que viam o que ninguém via?! Jesus foi crucificado entre dois ladrões. Que companhia melhor para representar aqueles entre os quais Jesus viveu e estava morrendo? Ele foi crucificado entre malfeitores, como se fosse um, pois estava morrendo em lugar de todos. E, incrivelmente, a atitude dos ladrões exemplifica claramente as atitudes que dividem a humanidade em relação a Jesus.

Aqueles dois ladrões, unidos na culpa e na sentença, dividem-se na fé. Dividem-se também na atitude diante da vida. Um deseja a chance de continuar sendo ele mesmo, quer livrar-se da cruz. Quer que Jesus, se é que pode, lhe dê provas mudando aquela situação. Se não pode fazer isso, para que ele serve então? Para muitos Deus precisa provar que é útil para ser crível. E a fé dura até que haja benefícios. Ser cristão implica em outras atitudes. O outro ladrão deseja uma chance de ser redimido. Ele reconhece a própria culpa e sabe que merece o que está recebendo. Seu problema não é a cruz, é ele mesmo. Ele precisa de ajuda, não para livrar-se da cruz, mas da culpa, da vida equivocada. Ele suplica misericórdia e em sua fragilidade, crê.

Este ladrão é um bom representante para o cristão. O cristão é alguém que sabe do que é feito, não ignora e nem nega sua fraqueza. Mas é alguém que está aprendendo a viver da misericórdia do Filho de Deus. Não se vê superior a outros, sejam quem forem, mas está conseguindo viver de maneira nova, abandonando pecados e amando seu semelhante. Isso não o deixa orgulhoso, apenas agradecido. Ainda enfrenta angústias e coisas difíceis lhe sobrevém, mas ele sabe que já recebeu bens além do que merecia – afinal, foi resgatado da morte espiritual. Religiosos não são assim. Mas cristão são! E o Reino de Deus se manifesta por meio deles.

*- ucs -*